

**TRABALHO ON-LINE DE LITERATURA**  
**1º TRIMESTRE****NOME:****TURMA: 9º TOPÁZIO****VALOR: 4,0 PONTOS****PROFESSOR (A): AMANDA NASCIMENTO****NOTA:****DATA DE ENVIO: ATÉ 30/03/2020****E-MAIL PARA ENVIO**  
**amandamendessolido@gmail.com****INSTRUÇÕES**

- Leia com atenção os textos e enunciados de cada questão.
- Atente-se à **data limite para o envio desse trabalho: até as 23h59 do dia 30/03 (segunda-feira), para o e-mail destacado no cabeçalho.**
- Coloque no assunto do e-mail: TRABALHO – SEU NOME.
- Você pode responder de forma manuscrita e fotografar ou escanear suas respostas. Se preferir, pode escrevê-las em programas no formato .doc, como por exemplo, o Word.

Ao optar por escrever as respostas no Word (ou qualquer outro programa do formato .doc) utilize fonte "Arial" ou "Times New Roman", tamanho 11 e crie um cabeçalho contendo as informações abaixo e, se quiser, poderá seguir esse exemplo:

**TRABALHO ON-LINE DE LITERATURA****NOME:****SÉRIE/TURMA:****PROFESSORA: AMANDA NASCIMENTO**

RESPOSTAS

QUESTÃO 01-

Caso você encontre alguma dificuldade ou possua dúvidas , entre em contato comigo. Estou à disposição naquele e-mail (**amandamendessolido@gmail.com**).

*Abraco!**Amanda*

Este material aborda conteúdos trabalhados em discussões em sala de aula e no capítulo 4, do Caderno 1.

O texto abaixo é uma narrativa maravilhosa escrita por Marina Colasanti. Leia-o e responda as questões de **01 a 03**.

## Uma ideia toda azul

Um dia o Rei teve uma ideia.

Era a primeira da vida toda, e tão maravilhado ficou com aquela ideia azul que não quis saber de contar aos ministros. Desceu com ela para o jardim, correu com ela nos gramados, brincou com ela de esconder entre outros pensamentos, encontrando-a sempre com igual alegria, linda ideia dele toda azul.

Brincam até o Rei adormecer encostado numa árvore.

Foi acordar tateando a coroa e procurando a ideia, para perceber o perigo. Sozinha no seu sono, solta e tão bonita, a ideia poderia ter chamado a atenção de alguém. Bastaria esse alguém pegá-la e levar. É tão fácil roubar uma ideia. Quem jamais saberia que já tinha dono?

Com a ideia escondida debaixo do manto, o Rei voltou para o castelo. Esperou a noite. Quando todos os olhos se fecharam, saiu dos seus aposentos, atravessou salões, desceu escadas, subiu degraus, até chegar ao Corredor das Salas do Tempo.

Portas fechadas, e o silêncio.

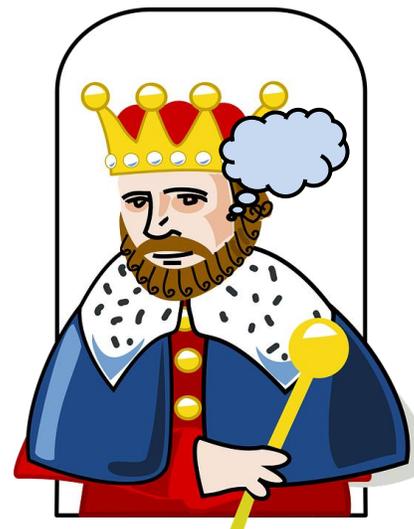
Que sala escolher?

Diante de cada porta o Rei parava, pensava, e seguia adiante. Até chegar à Sala do Sono.

Abriu. Na sala acolchoada os pés do Rei afundavam até o tornozelo, o olhar embaraçava em gazes, cortinas e véus pendurados como teias. Sala de quase escuro sempre igual. O Rei deitou a ideia adormecida na cama de marfim, baixou o cortinado, saiu e trancou a porta.

A chave prendeu no pescoço em grossa corrente. E nunca mais mexeu nela.

O tempo correu seus anos. Ideias o Rei não teve mais, nem sentiu falta, tão ocupado estava em governar. Envelhecia sem perceber, diante dos educados espelhos reais que mentiam a verdade. Apenas, sentia-se mais triste e mais só, sem que nunca mais tivesse tido vontade de brincar nos jardins.



Só os ministros viam a velhice do Rei. Quando a cabeça ficou toda branca, disseram-lhe que já podia descansar, e o libertaram do manto.

Posta a coroa sobre a almofada, o Rei logo levou a mão à corrente.

—Ninguém mais se ocupa de mim— dizia atravessando salões e descendo escadas a caminho das Salas do Tempo — ninguém mais me olha. Agora posso buscar minha linda ideia e guardá-la só para mim.

Abriu a porta, levantou o cortinado.

Na cama de marfim, a ideia dormia azul como naquele dia.

Como naquele dia, jovem, tão jovem, uma ideia menina. E linda. Mas o Rei não era mais o Rei daquele dia. Entre ele e a ideia estava todo o tempo passado lá fora, o tempo todo parado na Sala do Sono. Seus olhos não viam na ideia a mesma graça. Brincar não queria, nem rir. Que fazer com ela? Nunca mais saberiam estar juntos como naquele dia.

Sentado na beira da cama do Rei chorou suas duas últimas lágrimas, as que tinha guardado para maior tristeza.

Depois baixou o cortinado, e deixando a ideia adormecida, fechou para sempre a porta.

A chave prendeu no pescoço em grossa corrente e nunca mais mexeu nela.

Marina Colasanti. *Uma ideia toda azul*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.

**QUESTÃO 01**– Sabendo-se que uma narrativa maravilhosa contém elementos que distanciam-se da realidade, criando fatos inexplicáveis pelas leis do mundo, cite elementos do texto que comprovem essa característica.

---



---



---

**QUESTÃO 02**– Com base nos estudos do quadro "Elementos da narrativa, da p. 48, do Caderno 1, descreva com apenas uma frase o acontecimento que delimita as seguintes partes do conto:

a) Situação inicial (Evolução)

---

b) Complicação (Involução)

---

c) Clímax (Revelação)

---

d) Desfecho (Desenlace)

---

**QUESTÃO 03**– Em sua opinião, que efeito de sentido o autor cria ao atribuir a cor azul à ideia do Rei?

---



---



---

Leia o texto abaixo para responder as questões **04, 05 e 06**.



### **O homem cuja orelha cresceu**

Estava escrevendo, sentiu a orelha pesada. Pensou que fosse cansaço, eram 11 da noite, estava fazendo hora-extra. Escriturário de uma firma de tecidos, solteiro, 35 anos, ganhava pouco, reforçava com extras. Mas o peso foi aumentando e ele percebeu que as orelhas cresciam. Apavorado, passou a mão. Deviam ter uns dez centímetros. Eram moles, como de cachorro. Correu ao banheiro. As orelhas estavam na altura do ombro e continuavam crescendo. Ficou só olhando. Elas cresciam, chegavam a cintura. Finas, compridas, como fitas de carne, enrugadas. Procurou uma tesoura, ia cortar a orelha, não importava que doesse. Mas não encontrou, as gavetas das moças estavam fechadas. O armário de material também. O melhor era correr para a pensão, se fechar, antes que não pudesse mais andar na rua. Se tivesse um amigo, ou namorada, iria mostrar o que estava acontecendo. Mas o escriturário não conhecia ninguém a não ser os colegas de escritório. Colegas, não amigos. Ele abriu a camisa, enfiou as orelhas para dentro. Enrolou uma toalha na cabeça, como se estivesse machucado.

Quando chegou na pensão, a orelha saía pela perna da calça. O escriturário tirou a roupa. Deitou-se, louco para dormir e esquecer. E se fosse ao médico? Um otorrinolaringologista. A esta hora da noite? Olhava o forro branco. Incapaz de pensar, dormiu de desespero.

Ao acordar, viu aos pés da cama o monte de uns trinta centímetros de altura. A orelha crescera e se enrolara como cobra. Tentou se levantar. Difícil. Precisava segurar as orelhas enroladas. Pesavam. Ficou na cama. E sentia a orelha crescendo, com uma cosquinha. O sangue correndo para lá, os nervos, músculos, a pele se formando, rápido. Às quatro da tarde, toda a cama tinha sido tomada pela

orelha. O escriturário sentia fome, sede. Às dez da noite, sua barriga roncava. A orelha tinha caído para fora da cama. Dormiu.

Acordou no meio da noite com o barulhinho da orelha crescendo. Dormiu de novo e quando acordou na manhã seguinte, o quarto se enchera com a orelha. Ela estava em cima do guarda-roupa, embaixo da cama, na pia. E forçava a porta. Ao meio-dia, a orelha derrubou a porta, saiu pelo corredor. Duas horas mais tarde, encheu o corredor. Inundou a casa. Os hóspedes fugiram para a rua. Chamaram a polícia, o corpo de bombeiros. A orelha saiu para o quintal. Para a rua.

Vieram os açougueiros com facas, machados, serrotes. Os açougueiros trabalharam o dia inteiro cortando e amontoando. O prefeito mandou dar a carne aos pobres. Vieram os favelados, as organizações de assistência social, irmandades religiosas, donos de restaurantes, vendedores de churrasquinho na porta do estádio, donas-de-casa. Vinham com cestas, carrinhos, carroças, camionetas. Toda a população apanhou carne de orelha. Apareceu um administrador, trouxe sacos de plástico, higiênicos, organizou filas, fez uma distribuição racional.

E quando todos tinham levado carne para aquele dia e para os outros, começaram a estocar. Encheram silos, frigoríficos, geladeiras. Quando não havia mais onde estocar a carne de orelha, chamaram outras cidades. Vieram novos açougueiros. E a orelha crescia, era cortada e crescia, e os açougueiros trabalhavam. E vinham outros açougueiros. E os outros se cansavam. E a cidade não suportava mais carne de orelha. O povo pediu uma providência ao prefeito. E o prefeito ao governador. E o governador ao presidente.

E quando não havia solução, um menino, diante da rua cheia de carne de orelha, disse a um policial: "Por que o senhor não mata o dono da orelha?"

Ignácio de Loyola Brandão. *Os melhores contos de Ignácio de Loyola Brandão*, seleção de Deonísio da Silva, Global Editora – São Paulo, 1993, p. 135. (Fragmento)

**QUESTÃO 04**– Para Pierre- Georges Castex, o “fantástico se caracteriza por uma intromissão brutal do mistério no quadro da vida real”, o conto acima, *O homem cuja orelha cresceu*, é uma narrativa fantástica, por quê? Justifique sua resposta com acontecimentos relatados no texto.

---

---

---

---

**QUESTÃO 05**– Por que o protagonista decide cortar as próprias orelhas?

---

---

**QUESTÃO 06**– Diferentemente das narrativas maravilhosas, cujos enredos se distanciam totalmente da realidade, as narrativas fantásticas nos permitem– mesmo narrando fatos sobrenaturais– depreender que em alguns aspectos eles se relacionam com a realidade.

O texto de Ignácio de Loyola Brandão critica uma prática que, em tempos de rede social (*likes* e *dislikes*), se tornou muito comum na sociedade. Que prática é essa?

Elabore um pequeno parágrafo analisando o texto e estabelecendo comparação com essa conduta humana.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

*Bom trabalho!*